

HISTÓRIA E ARTES: UM DISCURSO CADA VEZ MAIS AFINADO

por Teresinha Prada

“Tudo é história” – esse aforismo foi bem confirmado durante o XVII Encontro Regional de História, realizado na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, de 6 a 10 de setembro de 2004. O evento teve como tema central “O Lugar da História” e uma programação que envolveu cerca de 600 profissionais e estudantes da área de Ciências Humanas, distribuídos em painéis, cursos, quatro conferências, nove mesas-redondas e 30 seminários temáticos, além de um fórum de discussão sobre reforma universitária, avaliações de instituições e parâmetros curriculares nacionais.

Dentro desse amplo trabalho sob responsabilidade da Associação Nacional de História (ANPUH), contou-se com os tradicionais temas que integram História e Política, mas o que chamou minha atenção foi a confirmação cada vez maior de uma perspectiva interdisciplinar entre a História e as Artes, seja como tema de pesquisa seja servindo de meio primordial para a execução da mesma.

Os diálogos entre Música e Literatura, Música e Artes Plásticas, Cinema e Literatura, Música e Drama etc. há tempos já vêm ocorrendo, e utilizando a História como fundamento para entender o contexto em que se desenvolveram os fatos. Atualmente, no entanto, é cada vez maior o número de historiadores que procuram na produção artística o “lugar da história”. Ou seja, o caminho vem se invertendo – agora são os profissionais de História que vêm se interessar pela linguagem artística, e muitos até procuram uma noção técnica efetiva dessas linguagens para ter mais intimidade com os temas.

Como disse a professora Rosângela Patriota, da Universidade Federal de Uberlândia, durante a conferência de abertura do Seminário “História, Cultura e Linguagens”, está comprovado que a pesquisa histórica (ou o debate histórico) não é exclusividade do historiador de ofício – este detém a metodologia, mas precisa de uma mediação até para escolher a bibliografia tida como referencial de outras áreas. Se temos de conhecer Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado entre outros, agora os historiadores precisam buscar Alfredo Bosi, Sábato Magaldi etc. em troca. Ao se conferir às obras de arte o status de documentos históricos, o pesquisador necessita apropriar-se do conhecimento específico para interpretá-las.

Em um segundo momento, a conferencista esclareceu o que é socialmente o “lugar da história” – quando que um conteúdo é consagrado e reconhecido socialmente? Citando vários exemplos, ela apresentou em especial o dramaturgo Carlos Queiroz Teles, quando em 1972 encenou a peça “A Semana”, que recria o ambiente da Semana de 22, e antecipa em no mínimo 30 anos a idéia do espetáculo multimídia, ao projetar na peça trechos de entrevistas com pessoas nas ruas às quais é perguntado se já ouviram falar da Semana, de Mario, de Oswald...

O texto da montagem faz um pêndulo de idéias e discursos de Mario de Andrade e Oswald de Andrade e é utilizado pelo autor para “dar um recado” contra a ditadura – Mario pergunta: “Valeu a pena? O país mudou?”, enquanto o deboche de Oswald é utilizado como um louvor à liberdade. Queiroz Teles ao mostrar os ideais da Semana reacendeu um debate até hoje vigente dentro da intelectualidade brasileira: a relação entre Mario e Oswald. Também trouxe de volta a figura de Oswald, principalmente por

seu compromisso com a liberdade. Quase simultaneamente à peça, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos enaltecem Oswald, e o “apresentam” a Caetano Veloso e Gilberto Gil, para o bem do Tropicalismo.

Hoje sabemos que o conteúdo da Semana de 22 é histórico, está consagrado pelos vestibulares, ENEM, “provão” e assim por diante, a partir do reconhecimento de público e a partir de uma “forma peculiar de saber histórico de classe”, nas palavras da prof.^a Patriota.

Na sessão coordenada que se seguiu, os palestrantes vieram a confirmar o exposto na conferência. Com o tema em torno da Música, o Prof. Dr. Arnaldo Contier (USP, Mackenzie) também aludiu a Mario de Andrade e sua busca pela brasilidade na música erudita. Márcio Rodrigues Alves, pós-graduando de História da Universidade Mackenzie, mostrou de que modo os biógrafos e articulistas apresentaram a obra de Villa-Lobos como síntese da “alma sonora do Brasil”, entre os quais Mario de Andrade. Analía Chernavsky, pós-graduanda do Instituto de Artes da Unicamp, dissertou sobre Villa-Lobos e seu envolvimento com a política getulista e, mais uma vez, vestígios de Mario de Andrade nas questões.

Mario, Oswald, Villa-Lobos. O que dizer mais da Arte no Brasil depois de tão ilustres figuras? Muita coisa aconteceu depois deles e minha comunicação versou justamente sobre fatos e personagens dos mais marcantes da história recente da música brasileira: o Festival Música Nova de Santos e seu organizador, o compositor santista Gilberto Mendes.

Apresentei cruzamentos entre política e estética no Festival: a década de 60 e as dificuldades sócio-políticas em se fazer o evento; a trajetória e a ideologia dos músicos envolvidos; as grandes obras musicais apresentadas e, por fim, um paralelo com os Cursos Latino-americanos de Música Contemporânea. Quis demonstrar que na música erudita, e não somente na música popular, houve uma tomada de posição a favor da liberdade em uma época em que a palavra solidariedade era o mote recorrente nos poucos canais livres da América Latina. O Festival Música Nova foi um desses canais.